

XIII Congresso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía

A aprendizagem profissional da gestão de comportamentos na educação pré-escolar

Rosa Novo, Ana Prada
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação
rnovo@ipb.pt

INTRODUÇÃO

Considerando que a formação dos educadores de infância deve pautar-se por critérios de qualidade (Craveiro, 2007; Oliveira-Formosinho, 1998) e que as práticas supervisivas assumem relevância neste processo, é fundamental desenvolver um olhar mais pormenorizado sobre a gestão dos comportamentos de crianças pelas educadoras-estagiárias. Neste âmbito, não é possível descurar o contributo central de Piaget (1984) na compreensão do exercício de poder do adulto e como este influencia o desenvolvimento sociomoral da criança. Em concordância com esta abordagem socioconstrutivista tem crescido nos últimos anos o interesse pela relevância da figura do educador no sentido da construção sociomoral (DeVries & Zan, 1998; Oliveira-Formosinho & Araújo, 2004). Mais especificamente, para DeVries e Zan (1998) a relação entre o educador e a criança deve caracterizar-se pela primazia da reciprocidade e pela minimização de atitudes autoritárias, de forma a constituir experiências socioemocionais significativas e imprescindíveis para o desenvolvimento da criança.

Objetivo: Identificar as semelhanças e diferenças na aprendizagem da gestão de comportamentos de crianças pelas educadoras-estagiárias.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de caso coletivo (Stake, 2009) referente a duas educadoras-estagiárias, em estágio final, em dois contextos supervisivos: um da rede pública e outro da rede de solidariedade social, ambos do concelho de Braga. Estes foram selecionados em função da orientação pedagógica adotada: um de pedagogia de transmissão e outro de pedagogia de participação. Em ambos, encontram-se grupos de crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade. Tendo por base uma abordagem de natureza descritiva e interpretativa recorreu-se à triangulação de diferentes fontes de dados: notas de campos, análise documental dos portefólios do practicum e filmagens.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nas tabelas 1 e 2 apresentam-se exemplos de estratégias utilizadas pelas educadoras-estagiárias em contextos de pedagogia de transmissão e de pedagogia de participação.

Tabela 1. Exemplos de estratégias utilizadas pela estagiária em contexto de pedagogia de transmissão.

1- Durante o planeamento, duas crianças batem-se. A estagiária isoladas do grupo, sentando-as perto de uma mesa e solicita à auxiliar de educação que as supervise enquanto continua o planeamento com as restantes.	Notas de campo
2- Estão três crianças de castigo na sala, sentadas na manta sob a supervisão da estagiária. Tinha de permanecer sentadas e caladas enquanto as restantes viam um filme noutra sala.	
1- "uma das dificuldades estava diretamente relacionada com a gestão das crianças, nomeadamente com a resolução de conflitos interpessoais" (p. 18)	Portefólio
2- "aprecio positivamente a educadora por cativar as crianças para as atividades, através da expressão que impunha à sua linguagem e por não reforçar os eventuais conflitos que se faziam registar entre as crianças" (p.18)	
1- Em pequeno grupo, uma criança deu uma bofetada a outra, ao que a estagiária responde "Vem para a minha beira, sentas-te aqui ao meu lado". Enquanto ajuda a criança agredida a sentar-se perto de si, a outra conversa com o colega do lado. A estagiária então diz: "Enquanto os meninos não estiverem todos calados, ninguém faz o plano e vamos ficar todos aqui sentados." A criança não liga, deita-se no chão com as pernas para o ar. Depois de acalmada, a criança é excluída do grupo.	Filmagem
2- A estagiária refere à criança "olha, eu vou fazer com que tu entendas!" E procura colocar a criança devidamente no círculo, ao que ela resiste. Consegue levantá-la e vai colocá-la numa cadeira perto da educadora. Volta para o círculo e continua com as restantes crianças no planeamento. Quando termina com estas, fala discretamente com a criança antes de ir para o seu tempo de trabalho.	

Tabela 2. Exemplos de estratégias utilizadas pela estagiária em contexto de pedagogia de participação.

1- No tempo da revisão, a criança que está do lado direito da estagiária, brinca com os materiais que estão perto de si. A estagiária envolve-a pelas costas com as mãos e discretamente, faz rodar o seu corpo para a mesa. A criança acede, mas logo em seguida, volta-se de novo. A estagiária tolera o seu comportamento, limitando-se, de vez em quando, a olhares fugazes.	Notas de campo
2- No decurso do tempo da revisão, apoiada pela estagiária, uma criança interrompe a sua revisão e diz "Assim não pode ser, vocês não estão a ouvir e eu não posso continuar". Após o silêncio das duas colegas, esta agradeceu e continuou a revisão.	
1- "Na realidade educativa onde estagiei, tudo é planeado, para que a intervenção seja positiva e haja um clima de apoio (...) A criança é ouvida, as suas ideias são valorizadas e respeitadas" (p.19)	Portefólio
2- "Foi no sentimento de partilha de poder que se baseou a minha postura perante o grupo de crianças" (p.29)	
3- "procurei ter um posicionamento, tanto físico como verbal, que facilitasse a relação com elas, demonstrei desta forma a minha total disponibilidade para as ouvir" (p.23)	
1- A estagiária vira-se para as duas crianças que conversavam entre si e refere: "Olhem, quando vocês fizeram a revisão e o João estava atento. Ele ouviu a vossa revisão. Agora é a vossa vez que ouvi-lo".	Filmagem
2- No planeamento a estagiária diz: "Olha, espera aí. Espera António. O António estava a fazer o seu plano, mas eu ouvi pouco porque os meninos estavam todos a falar. Que regras, é que nós temos em relação a isto?" "Para não falar" – responde uma criança. "Para falar um de cada vez" – acrescenta outra. "Então, vamos ouvir o resto do plano do António?", diz a estagiária.	

Como se exemplifica na **tabela 1**, no contexto de pedagogia de transmissão, a estagiária recorre à exclusão da atividade utilizando duas vias complementares: (a) após a retirada da criança esta é sempre acompanhada do agente de autoridade e (b) procura, através do conversa individual, que as crianças compreendam a relação causal entre erro e castigo. Outra estratégia evidente é o recurso à ameaça como forma de regulação do comportamento. Evidencia-se assim um apelo ao conformismo (Piaget, 1984) e uma construção baseada no constrangimento e na obediência da criança (Lourenço, 2002; Vieira & Lino, 2007). A ausência de partilha de controlo do poder reflete-se também na organização da sala, não sendo evidente um quadro de regras que reforce o envolvimento da criança na socioregulação (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2004; Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008). Os resultados indiretos de tal situação são fáceis de compreender, bem como os seus efeitos imediatos: quando a moralidade se adquire do exterior, ela permanece heterónoma (Piaget, 1984).

Tal como se ilustra na **tabela 2**, no contexto de participação, a estagiária utiliza, de forma consistente, três estratégias para estabelecer os limites: o apelo à reciprocidade, a evocação das regras e a possibilidade de regulação autónoma, lembrando os tempos presentes na rotina diária para influenciar o comportamento das crianças. A estagiária não só opera na linha moral de cooperação (Piaget, 1984), como evidencia a relação de reciprocidade na igualdade de direitos e responsabilidades. O desenvolvimento da relação criança-estagiária é caracterizado pela partilha do poder, fundamental para a transição da heteronomia para a autonomia moral (DeVries & Zan, 1998; Oliveira-Formosinho & Araújo, 2008).

CONCLUSÕES

É evidente nas educadoras-estagiárias o uso de diferentes estratégias de gestão de comportamentos, bem como uma diferenciação na iniciação das crianças às formas como as figuras de autoridade exercem o seu poder.

• A estagiária no contexto de pedagogia de transmissão inscreve a ordem e a obediência para benefício da criança. Igualmente opta pelo recurso à punição como instrumento regulatório, quando confrontada com o comportamento inadequado da criança, sendo orientada para uma gestão coercitiva.

• A estagiária no contexto de pedagogia de participação demonstra um equilíbrio na distribuição de poder. Também atua como um modelo prosocial face à criança, apelando sobretudo à reciprocidade e às regras que foram co-construídas como um instrumento colaborativo de socioregulação e autoregulação das interações na sala como ponto de referência para refletir e dialogar e não para punir.

Este estudo demonstra: (a) que estagiárias e contextos são realidades indissociáveis, havendo interdependência e interatividade entre as suas aprendizagens e os contextos supervisivos; (b) a absoluta necessidade de se melhorar a qualidade dos contextos supervisivos, bem como de repensar e redimensionar a importância conferida institucionalmente ao papel da supervisora cooperante e, conseqüentemente, ao tipo de formação contínua de que dispõe no âmbito da pedagogia da infância como sustentação primordial da transformação do quotidiano.